

**PAISAGEM CULTURAL E TURISMO RURAL:
Aportes para o roteiro Estrada do Imigrante/RS**

**CULTURAL LANDSCAPE AND RURAL TOURISM
Contributions to itinerary tours Estrada do Imigrante/RS**

Beatriz Veroneze Stigliano¹

Pedro de Alcântara Bittencourt César²

Resumo: Aborda-se a paisagem cultural da Estrada do Imigrante, roteiro de turismo rural situado no município de Caxias do Sul, RS. Tem-se o intuito de compreender os valores que a compõem, além de identificar eventuais impactos advindos do desenvolvimento da atividade turística no local. Desenvolve-se a pesquisa por uma abordagem qualitativa, baseando-se na realização de observação, entrevistas e análise de referencial teórico. Enfatiza-se a visão de moradores e de pessoas com vínculos familiares ou profissionais com a área. Assim sendo, propõe-se uma reflexão acerca das oportunidades e desafios que se colocam em relação ao planejamento para um turismo sustentável na localidade, tendo a paisagem cultural como elemento balizador da análise.

Palavras chave: Turismo Rural. Paisagem Cultural. Estrada do Imigrante. Caxias do Sul/RS

Abstract: The article analyzes the cultural landscape of the Estrada do Imigrante, located in the city of Caxias do Sul, RS. It has the aim to understand the values that comprise it and identify any impacts arising from the development of tourist activity on the site. It develops research a qualitative approach, based on the realization of observation, interviews and

¹ **Beatriz Veroneze Stigliano** - Doutor em Ciência Ambiental (PROCAM-USP). Professora adjunta da Universidade Federal de São Carlos. veroneze@ufscar.br

² **Pedro de Alcântara Bittencourt César** - Doutor em Geografia. Professor titular do Centro de Artes e Arquitetura e do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. pabcesar@ucs.br

literature review. One emphasize the vision of residents and people with family ties or business to the area. Therefore, we propose a reflection on the opportunities and challenges in relation to planning for sustainable tourism in the locality, and the cultural landscape as an indicator of the analysis.

Keywords: Rural Tourism. Cultural Landscape. Estrada do Imigrante. Caxias do Sul/RS

INTRODUÇÃO

As perspectivas não-agrícolas que se descortinam no meio rural trazem desafios e demandam planejamento. Signos materiais representativos da arquitetura, artefatos e equipamentos, bem como patrimônios imateriais caracterizados pelas memórias, celebrações, usos e costumes dos agentes locais, aliados às características do meio físico constituem rico acervo para o desenvolvimento de estudos visando à compreensão de tais elementos em uma proposta de viabilização da atividade de turismo rural.

Graziano da Silva (1999), Tulik (2003) e Schneider (2006), entre outros pesquisadores, destacam a crescente pluriatividade no espaço rural. Nessa nova concepção da ruralidade, há uma integração entre o homem e o ambiente, por intermédio de usos múltiplos, de caráter produtivo, social, lúdico, ambiental, entre outras possibilidades. Neste panorama, as relações entre a dinâmica das comunidades rurais e a atividade de turismo são fatores que estão impulsionando sua expansão (SCHNEIDER, 2006). Esta se dá como uma resposta à reestruturação da economia às mudanças sociais conferidas pela redução de jornada de trabalho, incrementos tecnológicos, aumento do tempo livre dos indivíduos, elevação da expectativa de vida e alterações nos padrões de consumo, ressaltando o papel crescente das amenidades e bens não-tangíveis. Assim, destaca-se, no contexto

do 'novo rural', a valorização das paisagens e do espaço, o interesse crescente na preservação ambiental e o consumo de alimentos sem agrotóxicos (BESSIÉRE, 1998; SCHNEIDER, 2006), entre outras tendências.

Destaca-se a necessidade de atentar aos processos históricos de ocupação territorial (RODRIGUES, 2001, p.103). Coloca-se, assim, a necessidade de compreensão da estrutura fundiária, das características paisagísticas, da estrutura agrária, com destaque para as relações de trabalho desenvolvidas, das atividades econômicas atuais, da característica da demanda e tipos de empreendimentos, qualidades para a inserção da atividade turística.

Analisam-se, assim, neste trabalho, algumas especificidades do desenvolvimento do turismo rural na Estrada do Imigrante, no que se refere a impactos da atividade na paisagem cultural do local.

METODOLOGIA

A pesquisa proposta é de caráter teórico-prático, de natureza qualitativa. Alicerça-se nas técnicas de observação, entrevista, análise de documentos e referencial teórico. A postura teórica adotada é a do interacionismo simbólico, uma vez que se coloca em primeiro plano o "ponto de vista do sujeito" (FLICK, 2004, p.33). Nessa perspectiva, o ponto de partida empírico consiste nos significados atribuídos pelos indivíduos a suas atividades e ambientes.

Buscou-se, desse modo, compreender os valores que compõem a paisagem cultural do local e verificar eventuais impactos resultantes da implantação da atividade turística na Estrada do Imigrante, roteiro situado no município de Caxias do Sul, RS. Propõe-se uma reflexão acerca das oportunidades e desafios que se colocam ao planejamento para um turismo sustentável na localidade, tendo a paisagem cultural como elemento balizador da análise.

Partiu-se, para a realização das entrevistas, da escolha de critérios para definição dos potenciais colaboradores. Tais critérios são múltiplos, referindo-se à participação ativa no processo histórico pesquisado ou à condição de não participante no processo, mas de ser importante testemunha dele (DELGADO, 2006, p.25). Assim sendo, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2010, foram conduzidas oito entrevistas, sendo seis com pessoas moradores, uma com um ex-morador que ainda tem familiares que lá residem e uma com uma pessoa que trabalha no local.

TURISMO E SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

O turismo se caracteriza por uma relação complexa e dinâmica de organização espacial. A produção do espaço turístico concretiza-se pela interação contínua entre a configuração territorial e suas relações sociais tomadas em dado momento (SANTOS, 1994).

Como qualquer atividade humana, o turismo também gera efeitos, ou impactos, sobre o ambiente onde se desenvolve. Butler (1999), Las Heras (1999), Eagles e McCool (2002) os dividem em três categorias: econômicos, sócio-culturais e ambientais. Nesta mesma linha, Santos e

Campos (2003) afirmam que os eixos básicos do desenvolvimento turístico sustentável – equidade social, eficiência econômica e conservação ambiental – devem ser concebidos como metas dos processos contínuos de mudança que orientam a participação da população na busca de formas adaptáveis às realidades locais, a fim de planejar e gerir qualitativamente a atividade turística.

Uma questão que se coloca é como impedir a concentração de benefícios, social e espacialmente. Levando-se em conta que o turismo pode reproduzir, tal como qualquer outro setor, as contradições dos processos de desenvolvimento, ressalta-se que a participação direta das comunidades nos projetos, planos e programas voltados ao seu desenvolvimento constitui uma oportunidade para se evitarem armadilhas de planejamentos forjados em gabinetes (LEROY, 1997). Faz-se necessário confiar “na capacidade e sabedoria locais na identificação dos problemas e na tentativa de soluções originais, com base na sua própria experiência e na de outros grupos similares” (RODRIGUES, 1997, p.58). Desse modo, busca-se afastar da leitura dominante e centralizadora da globalização.

DESENVOLVIMENTO E TURISMO RURAL : ALGUMAS QUESTÕES CONCEITUAIS

Vivencia-se um período de avanços teóricos que reflete o crescente interesse pelo estudo do turismo em áreas rurais (HOGGART; BULLER; BLACK, 1995), cada vez mais, um importante protagonista (CINNEIDE, BURKE, 1998; JOHANSEN, 1998). Tal relação se apresenta na análise dos seus valores simbólicos (BUTLER, HALL, 1998) e no fortalecimento do meio rural como lugar de consumo do lazer, do

ambiente e do patrimônio (URRY; LASH, 1995). Assim, o turismo rural pode ser um elemento importante para estimular melhorias na qualidade de vida das famílias e comunidades que o adotam, com implicações favoráveis na renda, conforto e bem-estar (MORAES; SOUZA, 2007).

Remetendo ao patrimônio, como expressão de identidades, este não deve ser entendido como algo cristalizado, mas como uma referência dinâmica, que deve ser, constantemente, apropriada e reformulada em função das experiências de um passado ainda vivo no presente e que baseia o futuro (STIGLIANO, 2009).

Souza (2004, p.19), remetendo ao turismo rural na porção meridional do Estado do Rio Grande do Sul, afirma que “a despeito da tímida geração de emprego e renda para os envolvidos [...] admite-se que uma das principais características [...] é proporcionar às famílias empreendedoras um bem-estar perceptível vinculado a melhores condições financeiras”. Destaca, também, a criação de oportunidades aos jovens para que permaneçam com a família, o contato com pessoas diferentes e os reflexos na redução do êxodo rural. Cita, ainda, a mudança qualitativa no papel das mulheres e a preservação do meio ambiente e do patrimônio edificado.

Graziano da Silva (1999) comenta sobre o aumento da procura de formas de lazer associadas ao meio rural e até mesmo de meios alternativos de vida no campo, por pessoas vindas da cidade. Destacam-se, como consequência, a ampliação das possibilidades de trabalho para a população rural e a maior aproximação e integração de sistemas culturais distintos. Tal relação resulta na manutenção de paisagens culturais peculiares, que podem não somente servir a fins turísticos, mas, também, à própria manutenção da memória da comunidade em questão e da sociedade

em geral, colaborar para a coeso do grupo, entre outras possibilidades.

Entretanto, na transformação de uma localidade em destino turístico algumas considerações demandam atenção. A maior parte dos especialistas em planejamento preocupa-se mais com aspectos econômicos e financeiros, de *marketing*, pouco observando os aspectos específicos do terreno, de construção, infra-estrutura, avaliação imobiliária e a questão da concorrência (CÉSAR; STIGLIANO, 2000). Dessa maneira, o planejamento deverá contribuir para, entre outras questões, resguardar e harmonizar a paisagem, como patrimônio, tanto para o bem estar da população como para a manutenção da atividade turística. Essa “volta ao campo” deve ser controlada de forma a assegurar que alguns erros do passado, como a criação de espaços altamente especulativos e sem planejamento, não se repitam nos dias de hoje. Outra questão que precisa ser levantada é a escolha do proprietário em maximizar o lucro, desgastando o ciclo de vida de seus atrativos e, conseqüentemente, do produto turístico. Fatores como capacidade da carga e impactos ambientais devem ser analisados nas áreas turísticas, para que a otimização do lucro não signifique a deterioração dos recursos (STIGLIANO; CÉSAR, 2007).

A PAISAGEM E A ABORDAGEM CULTURAL

Por sua vez, as relações dos homens com o meio ambiente e o espaço nascem das sensações experimentadas e das percepções a elas ligadas (CLAVAL, 2001, p.39). Corrêa (1999, p.51-2) afirma que, atualmente, valorizam-se a experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão daquilo que não se repete. A paisagem passa a ter como

base uma matriz não-positivista, cuja simbologia é analisada por obras literárias, cinema, pintura e música. Ela se apresenta carregada de símbolos, significados, marcas visíveis ou ocultas, não residindo no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa desses dois elementos (BERQUE, 1998). Schama (1996, p.20) também se refere à subjetividade relacionada às paisagens: “até mesmo as paisagens que parecem mais livres de nossa cultura (...) podem revelar-se como seu produto. Parece correto reconhecer que é nossa percepção transformadora que estabelece a diferença entre matéria bruta e paisagem”.

Há uma dificuldade teórica ao se buscar trabalhar em conjunto cultura e natureza, em decorrência de, no pensamento moderno, esses dois campos pertencerem a domínios distintos (COSGROVE, 1994). Berque (1998, p.84), por sua vez, apresentou importante contribuição ao entendimento da simbologia da paisagem, ao defender o estudo do sentido, unitário e global, que a sociedade faz de sua relação com o espaço e a natureza, que, concretamente, é vista como paisagem.

As paisagens culturais, segundo a *United Nations, Educational, Scientific and Cultural Organization* - UNESCO, são entendidas como:

Ilustrativas da evolução da sociedade humana e seus assentamentos ao longo do tempo, sobre a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como pelas sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas, que nelas interferem. [...] O termo 'paisagem cultural' envolve uma diversidade de manifestações da interação entre a humanidade e seu ambiente natural (UNESCO, 1999, p.36-37).

Os signos de que as paisagens são portadoras, segundo Claval (2004, p.67), transmitem mensagens intencionais, geralmente muito fáceis de serem decifradas pelas pessoas familiarizadas com a cultura local. Nesse sentido, “as paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significados” (COSGROVE, 2004, p.121). Assim, revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira auto-consciente e, então, re-apresentar essa paisagem em um nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos.

ESTRADA DO IMIGRANTE: CARACTERIZAÇÃO

Na formação de Caxias do Sul e região tem-se como referência sua configuração agrária. Em torno de uma pequena área urbana se estendem módulos de ocupação rural, as 'légua'. Essas divisões, juntamente com suas estruturas sociais e culturais, e fundiárias, em 'linhas' e 'travessões', marcam a formação desses espaços no meio rural. Duas características marcam, profundamente, uma nova definição do município, em termos da apropriação cultural para a atividade turística: a formação de uma estrutura com centenas de vinícolas, com produção amplamente baseada em estrutura familiar, e o desenvolvimento de roteiros a elas relacionados.

Pesquisa-se a área representada pela 3ª légua, onde se encontra o roteiro turístico “Estrada do Imigrante”. Originalmente, a estrada foi uma trilha aberta para a colonização de imigração Italiana na região. Considerando que as primeiras famílias de imigrantes começaram a chegar a Caxias a partir de 1875 (GIRON, 1977),

até meados de 1876, a 3ª légua já estava quase completamente habitada (ADAMI, 1971). Nela, desenvolveu-se, assim como na região, uma cultura de subsistência, num primeiro momento. No início do século XX, Caxias do Sul desponta como grande centro produtor de vinho (PESAVENTO, 1983; HERÉDIA 1977). Suas relações de produção constituem-se por um processo de trabalho não capitalista submetido ao modo capitalista de produção que se impõe (PESAVENTO, 1983; SANTOS, 1984).

Esses valores definem os recursos para o turismo rural na localidade. Elaborado por Caminhos e Estradas, que são roteiros turísticos que têm “em comum a vontade de resgatar as tradições, a cultura, os hábitos e o patrimônio histórico deixado pelos imigrantes italianos, que por ali chegaram, no final do século passado, motivados pela vontade de “fazer a América” [...] (BRAMBATTI; SANOCKI, 2002, p. 8). Dessa forma, em 1998, foi elaborado o roteiro turístico ‘Estrada do Imigrante’. Este caminho abriga uma falha geológica, cujos paredões apresentam beleza cênica peculiar. Esta característica define limites naturais na reprodução social do espaço. Entretanto, pelos limites do caminho, a ocupação urbana transforma o acesso à estrada em uma via periférica da metrópole caxiense. Há pressão para a construção de loteamentos, o que pode produzir novas configurações paisagísticas³.

³ Foi aprovada, em 2007, a Lei Complementar nº 276, de 2 de maio de 2007, que institui o Plano de Proteção e Desenvolvimento para a agricultura e o roteiro turístico Estrada do Imigrante. A análise de seus efeitos será realizada em um momento futuro da pesquisa.

SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

As paisagens despertam sentimentos, de melancolia, medo, admiração, entre outros. A Estrada do Imigrante, para a maioria dos entrevistados (cinco), enseja uma sensação de tranquilidade, de se estar em um ambiente familiar, com o qual se mantém vínculos afetivos e memoriais. Pode-se aqui remeter ao sentimento de pertencimento e intimidade (TUAN, 1980; BACHELARD, 2000), de lugar (MAGNANI, 1998). Três entrevistados citaram diretamente a paisagem, sendo que, desses, um utilizou o termo paisagem especificamente, outro falou em natureza, um citou a falha geológica e a produção de uvas como características marcantes que os agradam no local. Dois citaram a casa/propriedade da família, um mencionou a boa relação entre os moradores como o que mais gostam; os demais disseram gostar de tudo no local.

Verificou-se nesses últimos uma dificuldade em pinçar um elemento da paisagem que os agrada sobremaneira. Tal questão aponta para o que Simmel (1996, p.21) configura como o “*Stimmung* da paisagem: ela penetra todos os detalhes da mesma sem que se possa tornar um só deles responsável por ela: cada um participa de uma maneira pouco claramente definida - mas ela não existe mais exteriormente a esses aportes como se não se compõe da sua soma”. Assim, a subjetividade e a afetividade articulam-se aos elementos físicos do espaço e causam um efeito sobre o sujeito, cujos estímulos são agregados e se traduzem na percepção sobre a paisagem. Isso faz com que uma paisagem nunca se confunde com outra.

Um relato emblemático é o da Sra. L.C., que defende, enfática: “eu acho tudo aqui bonito. Sabe, se eu estou aqui é por que gosto mesmo. Por que já quase tivemos que sair, por motivo de doença, mas eu

não quis. Onde é que eu ia comer bergamota do pé?” brinca ela. “O trabalho com a uva é pesado, mas eu gosto”. Evidencia-se que o espaço percebido não pode ser tratado de forma indiferente entregue a mensuração e à reflexão geométrica. É um espaço vivido, não em sua positividade, mas com toda intensidade e parcialidades do imaginário” (TEIXEIRA, 2001, p.150).

Junto com o turismo e a instalação de uma sub-estação de energia elétrica, algumas coisas que mudaram, segundo os entrevistados, foram: a colocação de totens e placas e o asfaltamento da estrada. No total, quatro pessoas relacionam o asfaltamento, em si, como a maior mudança que ocorreu, nos últimos anos. Remetendo a este elemento, falam da maior facilidade de acesso. Dois mencionaram que o domingo é o dia de maior movimento. Para o Sr. D.V., o que tem mudado na estrada é “o aumento do número de chácaras, pessoas que não produzem – isso está causando perda da identidade”. Afirmar que “os moradores que ficaram aqui são teimosos mesmo, tiveram muitas oportunidades para sair, mas não saíram. Eles não querem que nada mude”. Em consonância com o relato anterior, para o Sr. P.C., o que está incomodando muitos moradores locais é uma nova configuração fundiária baseada em segundas residências ou moradia desvinculada da atividade agropecuária, “rompendo com a lógica produtiva e atraindo outro grupo de pessoas, o que cria, inclusive, problemas de segurança.

Um entrevistado diz que os jovens da área estão migrando para a cidade. Por sua vez, outra pessoa afirmou que muitos vão estudar e regressam. Tal questão se coloca como problema a ser pesquisado em um momento futuro.

Dos entrevistados, quatro são diretamente envolvidos com a vinicultura. Um deles, o Sr. P.B., queixa-se da baixa remuneração pela produção: “as cantinas pagam R\$ 0,35 pelo quilo de uva e ainda nem terminei de receber o pagamento pela safra anterior”. Tal afirmação corrobora o que Santos (1984) encontrou em estudo sobre uma área próxima. Daqui a uns anos, segundo ele, “não vai mais ter produção de uva aqui; os que moram aqui estão querendo vender a terra”. Tal questão remete à ameaça possível de se ter uma diminuição na área de parreirais, o que teria efeito direto na paisagem e, muito provavelmente, na atratividade turística da área. De forma geral, constatou-se que há famílias com problemas em manter a produção de uva também por falta de descendentes no local.

CONCLUSÃO

Verifica-se que as entrevistas permitem apresentar uma série de questões. A visão dos entrevistados quanto ao que mais gostam na área da Estrada do Imigrante é associada, grandemente à tranquilidade e, também, às relações sociais e ao fator memorial. Há indícios de insatisfação com relação à mudança fundiária que está acontecendo com a compra de terrenos para a construção de residências por pessoas sem vínculos com a produção agropecuária ou com o local. A vinda da sub-estação de energia elétrica foi um elemento fundamental de transformação da paisagem. Associa-se a ela o asfaltamento da estrada, que, por sua vez, valoriza as terras para a reprodução imobiliária e, também, a instalação de estruturas para a condução de energia, que ‘rasgaram’ a vegetação, em vários pontos. Há risco iminente de perda da identidade e de grave alteração na paisagem cultural do local, no futuro, com a substituição do uso da terra, sobretudo para a produção de uvas, por

outros fins, como o meramente residencial ou de segunda residência.

Identificaram-se, assim, algumas situações fundamentais para o planejamento turístico da localidade. Nesse aspecto é necessário ter cautela, principalmente com relação à questão paisagística. Sua manutenção, em situação “ótima”, no local, refere-se: ao não adensamento residencial ao longo da estrada; à presença da cultura da uva, e; à elaboração de uma tipologia de formas e características urbano-arquitetônicas. Acredita-se que a existência da estrutura de lazer e entretenimento associada ao processo migratório seja um ponto forte do roteiro.

Outras considerações remetem ao estudo das representações espaciais (CÉSAR, 2007). Estas questões, levantadas, inicialmente, precisam de novos desdobramentos, entretanto, são fatores determinantes no compromisso com um envolvimento espacial do roteiro. A arquitetura da imigração representa uma síntese das relações trazidas e encontradas. Suas formas são ricas pela lógica e formação espacial, cultural e social do caminho e da região de colonização. Outra questão está associada com a disposição dos equipamentos nos lotes. A própria configuração desses, as características construtivas, as opções sócio-econômicas produtivas apresentam-se como referência na formação dos atrativos. Tais condições devem servir de base para todas as intervenções necessárias e justificar o uso, e mesmo o desuso, de equipamentos e serviços. Somente assim podemos pensar em uma atividade turística com embasamento sustentável e comprometida com o desenvolvimento local.

Há uma série de requisitos para o sucesso deste tipo de empreitada. Pode-se incluir, dentre eles, o acesso a linhas de crédito específicas, a oferta de cursos de

capacitação e treinamento nas mais diversas áreas (recepção, alimentos e bebidas, contabilidade, higiene, acomodação, etc.). É importante caminhar no sentido de elaborar uma proposta de intervenção que possibilite a apropriação e a coesão social dos habitantes; o reconhecimento, pela comunidade, de sua singularidade e diferenciais, tendo em vista o acelerado processo de globalização e homogeneização. O desenvolvimento de estratégias favoráveis à defesa da paisagem como um patrimônio pode trazer conseqüências diretas ao uso e fruição do território por parte dos habitantes do local e dos visitantes. Espera-se, desse modo, que tal abordagem possa contribuir com subsídios para as políticas de turismo, ordenamento e gestão territorial voltadas ao roteiro turístico ‘Estrada do Imigrante’.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, J. S. **História de Caxias do Sul**. Tomo I, 2ª Ed. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: R. L. Corrêa et al. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998, p.84-91.
- BESSIÉRE, J. Local development and heritage: traditional food and cuisine as tourist attractions in rural areas. **Sociologia Ruralis**, v. 38, n. 1, p.20-34, 1998.
- BRAMBATTI, L. E; SANOCKI, M. **Terceira Léguas e a Estrada do Imigrante**. Porto Alegre: EST, 2002.
- BUTLER, R. H.; HALL, C. M. Image and reimagining of rural areas. In:

- BUTLER, R., HALL, C.M.; JENKINS, J. (Eds.). **Tourism and Recreation in Rural Areas**. Chichester: John Willey&Sons, 1998, p. 115-122.
- BUTLER, R.W. Understanding Tourism. In: JACKSON, E. L., BURTON, T.L. **Leisure Studies** – Prospects for the Twenty-First Century. Pennsylvania, EUA: Venture, 1999, p. 97-101.
- CÉSAR, P. de A. B. **As representações do espaço arquitetônico**: uma proposta metodológica aplicada ao centro histórico da cidade de São Paulo. Doutorado, São Paulo: DG-FFLCH-USP, 2007.
- CÉSAR, P. de A. B.; STIGLIANO, B.V. Uma nova ruralidade brasileira. **Revista Perspectivas Rurales Pobreza y Nueva Ruralidad**, San Jose, Costa Rica, v. 4, n. 2, p. 107-122, 2000.
- CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p.35-86.
- CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004. pp. 13-74.
- CORRÊA, R. L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. R.J.: Ed. UERJ, 1999. p.49-58.
- COSGROVE, D. Worlds of Meaning: Cultural Geography and Imagination. In: Foote, K. et al. (Orgs.). **Re-Reading Cultural Geography**. Austin: The University of Texas Press, 1994.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Coleção leitura, escrita e oralidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- EAGLES, P.F.J.; McCOOL, S.F. **Tourism in National Parks and Protected Areas** – planning and management. Oxon: CABI Publishing, 2002.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GIRON, L. S. **Caxias do Sul**: Evolução Histórica. Caxias do Sul, UCS, 1977.
- GRAZIANO DA SILVA, J., DEL GROSSI, M. E. O novo rural brasileiro: uma atualização para 1992-98. **Projeto Urbano**
<http://www.eco.unicamp.br/projet/urbano.html>, 1999.
- HOGGART, K.; BULLER, H.; BLACK, R. **Rural Europe** - Identity and change. London: Arnold, 1995.
- JOHANSEN, H. Mining to tourism: Economic restructuring in Kellogg, Idaho, USA. In: NEIL, C.; TYKKYLAINEN, M. (Eds.). **Local economic development**: A geographical comparison of rural economic restructuring. New York: United Nations Press, 1998, p. 251-269.

- LEROY, J-P. Da comunidade local às dinâmicas microrregionais na busca do desenvolvimento sustentável. In: BECKER, B.; MIRANDA, M. (orgs.). **A geografia política do desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MAGNANI, J.C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MORAES, C. dos S.; SOUZA, M. de. Turismo rural, renda e bem-estar: estudo com agricultores e familiares no município de Salvador do Sul, RS. **Revista Extensão Rural**. Santa Maria, Ano XIV, p. 109-134, Jan-Dez de 2007.
- PESAVENTO, S. J. RS: Agropecuária colonial & Industrialização. **Série documenta 17**. Porto alegre, Mercado Aberto, 1983.
- RODRIGUES, A. B. Turismo local: oportunidade para inserção. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo, desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997, pp. 55-64.
- RODRIGUES, A. B. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo rural**. São Paulo: Contexto, 2001, pp.101-116.
- SANTOS, C. A. de J.; CAMPOS, A. C. Estratégias para o desenvolvimento sustentável do turismo. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; LIMA, L. C. **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EDUECE, 2003.
- SANTOS, J. V. T. **Colonos do vinho**: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1984.
- SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- SCHNEIDER, S. Turismo em Comunidades Rurais: inclusão social por meio de atividades não-agrícolas. In: Brasil, Ministério do Turismo. (Org.). **Turismo Social**: Diálogos do Turismo: Uma Viagem de Inclusão. Rio de Janeiro: IBAM, 2006, v. 1, p. 1-20.
- SIMMEL, G. A. filosofia da paisagem. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. **Revista Política e Trabalho**, n.12, p.15-24, setembro de 1996.
- SOUZA, Marcelino de. Turismo Rural: para além da geração de emprego e renda. In: **Anais do IV Congresso Internacional sobre turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Joinville: Bom Jesus/IELUSC, 2004. p.19-22.
- STIGLIANO, B. V. **Participação comunitária e sustentabilidade socioambiental do turismo na vila ferroviária de Paranapiacaba, S.P.** Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – PROCAM-USP, São Paulo, 2009.
- STIGLIANO, B.V; CÉSAR, P. de A. B. Gerenciamento da visitação: considerações sobre a aplicação do método VAMP ao Parque Estadual de Campos do Jordão. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 18, p. 66-72, 2007.
- TEIXEIRA, S. K. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba a ‘capital ecológica’. Tese de doutorado, DG-FFLCH-USP, São Paulo: 2001.
- TUAN, Y.F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do

meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TULIK, O. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

UNESCO. **Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention**. Paris: World Heritage Centre, WHC-99/2, revised March 1999.

URRY, J.; LASH, S. **Economies of signs and space**. Thousand Oaks, CA: SAGE, 1995.